

Musicoterapia na Dependência Química: Uma Revisão Integrativa

Music Therapy in Chemical Dependence: An Integrative Review

Frederico Gonçalves Pedrosa



Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
fredericopedrosa@ufmg.br

Frederico Duarte Garcia



Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
frederico.garciad@gmail.com

Cybelle Maria Veiga Loureiro



Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
cybelleveigaloureiro@gmail.com

Resumo: A dependência química é um transtorno mental que afeta o usuário em níveis cognitivo, social e neurológico, causada pelo abuso de qualquer substância não produzida pelo organismo que tenha propriedades de atuar sobre um ou mais de seus sistemas. Esta revisão integrativa buscou literatura científica que evidencie quais desfechos podem ser avaliados através do uso de protocolos, em abordagens sistematizadas em musicoterapia, no contexto da dependência química. Foram identificados 22 textos que apontaram falta de padronização dos desfechos avaliados pelos estudos, limitando sua comparabilidade. Ainda assim, pôde-se concluir alguns pontos sobre a ação da musicoterapia em aspectos psicológicos de pacientes acometidos por uma dependência química.

Palavras-chave: Musicoterapia. Dependência Química. Instrumentos de Avaliação.

Abstract: Chemical dependencies are cognitive, social and neurological diseases caused by the abuse of any substance not produced by the organism that has properties to act on one or more of its systems. This Integrative Review searched for scientific

literature that shows which changes can be evaluated through the use of protocols, in systematized approaches in music therapy, in the context of chemical dependency. Twenty-two texts were identified that pointed to a lack of standardization of the outcomes evaluated by the studies, limiting their comparability. Even so, it was possible to conclude some points about the action of music therapy on psychological aspects of patients affected by chemical dependence.

Keywords: Music therapy. Chemical Dependency. Assessment Instruments.

Submetido em: 25 de outubro de 2021

Aceito em: 18 de maio de 2022

Introdução

Entende-se pelo substantivo droga “qualquer substância não produzida pelo organismo que tenha propriedades de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, causando alterações em seu funcionamento” (GARCIA; ALKMIN, 2014, p. 14). Não é todo uso de drogas que se caracteriza como dependência. São três as categorias que classificam tal ação: 1) a intoxicação, que indica um estado pontual e não recidivante a partir do uso de alguma substância; 2) o uso nocivo, indicado pelo consumo esporádico, no qual a capacidade decisional está preservada, ou seja, o indivíduo, apesar de intoxicado, apresentando consequências físicas, mentais e sociais, tem o controle sobre a decisão do uso da droga; e 3) a dependência química, que se caracteriza por um transtorno crônico e recidivante conhecido pela compulsão para procurar e consumir substâncias psicoativas, com perda de controle em limitar seu consumo e surgimento de sofrimento físico e emocional quando o acesso à substância é impedido, configurando crise de abstinência (GARCIA; ALKMIN, 2014).

A dependência química é um transtorno mental que afeta o usuário em níveis cognitivo, social e neurológico. O CID-10, Classificação Internacional de Doenças, propõe que, para se concluir um diagnóstico de dependência química é preciso apresentar três ou mais dos sintomas a seguir: 1) forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância; 2) dificuldade em controlar o comportamento de consumir a substância em termos de seu início, término ou níveis de consumo; 3) síndrome de abstinência quando o uso da substância cessou ou foi reduzido; 4) evidência de tolerância, quando doses crescentes são requeridas para alcançar efeitos originais; 5) abandono progressivo de prazeres ou interesses alternativos em favor do uso de substâncias psicoativas; 6) persistência no uso da substância a despeito de evidência clara de consequências manifestamente nocivas (OMS, 1996).

O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, em sua quinta edição (DSM 5), atualizou o conceito dos

problemas relacionados ao uso de substâncias, nomeando-os genericamente de “transtorno por uso de substâncias”. Os critérios diagnósticos são onze e incluem uso em quantidades maiores ou por mais tempo que o planejado; desejo persistente ou incapacidade de controlar o desejo; gasto importante de tempo em atividades para obter a substância; fissura importante; deixar de desempenhar atividades sociais, ocupacionais ou familiares devido ao uso; continuar o uso apesar de apresentar problemas sociais ou interpessoais; restrição do repertório de vida em função do uso; manutenção do uso apesar de prejuízos físicos; uso em situações de exposição a risco; tolerância; e abstinência (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O DSM 5 também extinguiu a dicotomia entre os diagnósticos de abuso e de dependência de substâncias, optando por uma classificação de gravidade do transtorno por uso de substância da seguinte forma: dependência leve, com a presença de dois ou três dos onze critérios por um período de um ano; dependência moderada, que consiste na presença de quatro ou cinco dos onze critérios por um período de um ano; ou dependência grave, na presença de mais de seis dos onze critérios por um período de um ano.

A literatura nos indica um déficit na produção de informações sistematizadas para os tratamentos musicoterapêuticos de pacientes com uma dependência química. No contexto internacional, Mays, Clark e Gordon (2008) revisaram sistematicamente a literatura e encontraram 19 trabalhos publicados em musicoterapia. Esses autores concluíram não ser possível indicar a eficácia do tratamento musicoterapêutico nas dependências, visto que inexistiam estudos metodologicamente robustos para avaliar a eficácia e a segurança da musicoterapia neste contexto terapêutico. Hohmann, Bradt, Stegemann, e Zhang (2017), em nova revisão sistemática, demonstraram que houve um aumento de estudos randomizados controlados nos últimos anos, sugerindo um benefício do uso da musicoterapia em pacientes com dependência química; no entanto, não houve consistência para sistematizar tais

resultados, já que muitos focam apenas no efeito de uma sessão de musicoterapia.

Esses estudos indicam, também, uma ação de diminuição de fissura entre os participantes dos grupos de Musicoterapia. Podemos conceituar fissura como “o reflexo de um estado de motivação orientado para o consumo de drogas por pistas ambientais [...] e internas [...]. É um estado subjetivo que integra o desejo do uso da droga” (GARCIA; ALKMIN, 2014, p. 30).

Pesquisadores na área de musicoterapia vêm enfatizando a necessidade de se produzir evidências sobre os benefícios dos tratamentos em musicoterapia (ZMITROWICZ; MOURA, 2018) a partir de estudos metodologicamente robustos, utilizando instrumentos objetivos de medida, comparação de amostras alocadas aleatoriamente e controladas por placebo ou um tratamento padrão. Nesta pesquisa bibliográfica, buscamos identificar estudos que evidenciem quais desfechos podem ser avaliados através do uso sistematizado de protocolos de musicoterapia em grupo na dependência química.

Este estudo é produzido em um momento histórico significativo, quando a musicoterapia necessita apresentar evidências de sua eficácia em diversos públicos clínicos e, especificamente, para o tratamento da dependência química dentro da saúde pública brasileira, que sofre retrocessos, como os indicados na Nota Técnica nº 11/2019 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2019). Nesse documento, estão manifestas preocupações sobre as Políticas de Saúde Mental, as quais vêm atuando pela contenção de direitos garantidos desde a Constituição de 1988.

Nossa pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, onde foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, CAAE 30939720.1.0000.5149, e da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, CAAE 30939720.1.3001.5140. Além disso, recebeu apoio do Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados pela UFMG - Edital PRPq 7/2020.

Metodologia

A revisão integrativa é considerada por Souza, Silva e Carvalho (2010) e por Ercole, Melo e Acoforado (2014) como uma ampla abordagem metodológica, dentro das revisões, por permitir a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, e fornecer uma compreensão mais completa do fenômeno analisado. Os autores também fazem alusão aos dados teóricos e empíricos, e destacam a possibilidade de incorporar outros propósitos, como revisão de teorias e evidências, definição de conceitos e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. A escolha por essa metodologia ocorreu a partir de revisões de literatura anteriores, que demonstraram dificuldade em apresentar dados que nos informassem, sistematicamente, os resultados terapêuticos produzidos pelas intervenções de musicoterapia.

Souza, Silva e Carvalho (2010) apresentam seis passos que norteiam a elaboração de uma revisão integrativa: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados; 6) apresentação da revisão integrativa.

A questão que norteia esta pesquisa é a busca de literatura científica que evidencie quais desfechos podem ser avaliados através do uso de protocolos em abordagens sistematizadas de musicoterapia no contexto de dependência química.

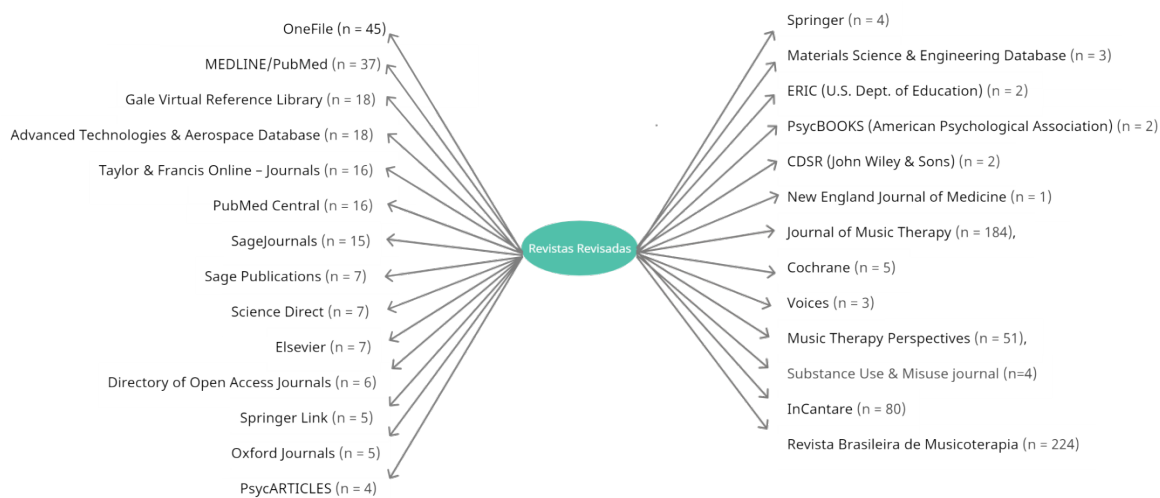
Na busca da literatura, realizada nos dias 22 e 23 de março de 2020, utilizamos os descritores MeSH "*musicotherapy*" "*and*" "*drug abuse*". Pesquisamos no Portal de Periódicos CAPES/MEC, que fez uma varredura nas revistas OneFile (n = 45), MEDLINE/PubMed (n = 37), Gale Virtual Reference Library (n = 18), Advanced Technologies & Aerospace Database (n = 18), Taylor & Francis Online – Journals (n = 16), PMC (PubMed Central) (n = 16), SageJournals (n = 15), Sage Publications (n = 7), Science Direct (n = 7), Elsevier (n = 7), Directory of Open Access Journals (n = 6), Springer Link (n = 5), Oxford Journals (n = 5), PsycARTICLES (n = 4), Springer (n = 4), Materials Science & Engineering Database (n = 3), ERIC (U.S. Dept. of Education) (n =

2), PsycBOOKS (American Psychological Association) (n = 2), CDSR (John Wiley & Sons) (n = 2) e New England Journal of Medicine (n = 1). Pesquisamos também os sites da Cochrane (n = 5), o Journal of Music Therapy (n = 184), Voices (n = 3) e Music Therapy Perspectives (n = 51), em publicações internacionais de musicoterapia e no Substance Use & Misuse journal (n = 4), que é uma importante publicação sobre dependências químicas.

Acrescentamos publicações nacionais com a mesma temática em uma pesquisa de literatura, a Revista Brasileira de Musicoterapia (n = 224) e a InCantare (n = 80), especializadas em musicoterapia. Como elas não possuem sistema de busca, foi necessário fazer leitura do título e resumo de todos os artigos para a primeira seleção.

Os dados dessa revisão integrativa estão plotados na figura a seguir.

Figura 1 – Revistas acessadas para a revisão integrativa



Fonte: Elaborada pelos autores.

Como critérios de inclusão na análise, consideramos estudos quantitativos e/ou qualitativos nos gêneros artigo, dissertação e tese, publicados em periódicos e revistas, que possuíssem os descritores exigidos no título, resumo ou palavra-chave, disponíveis

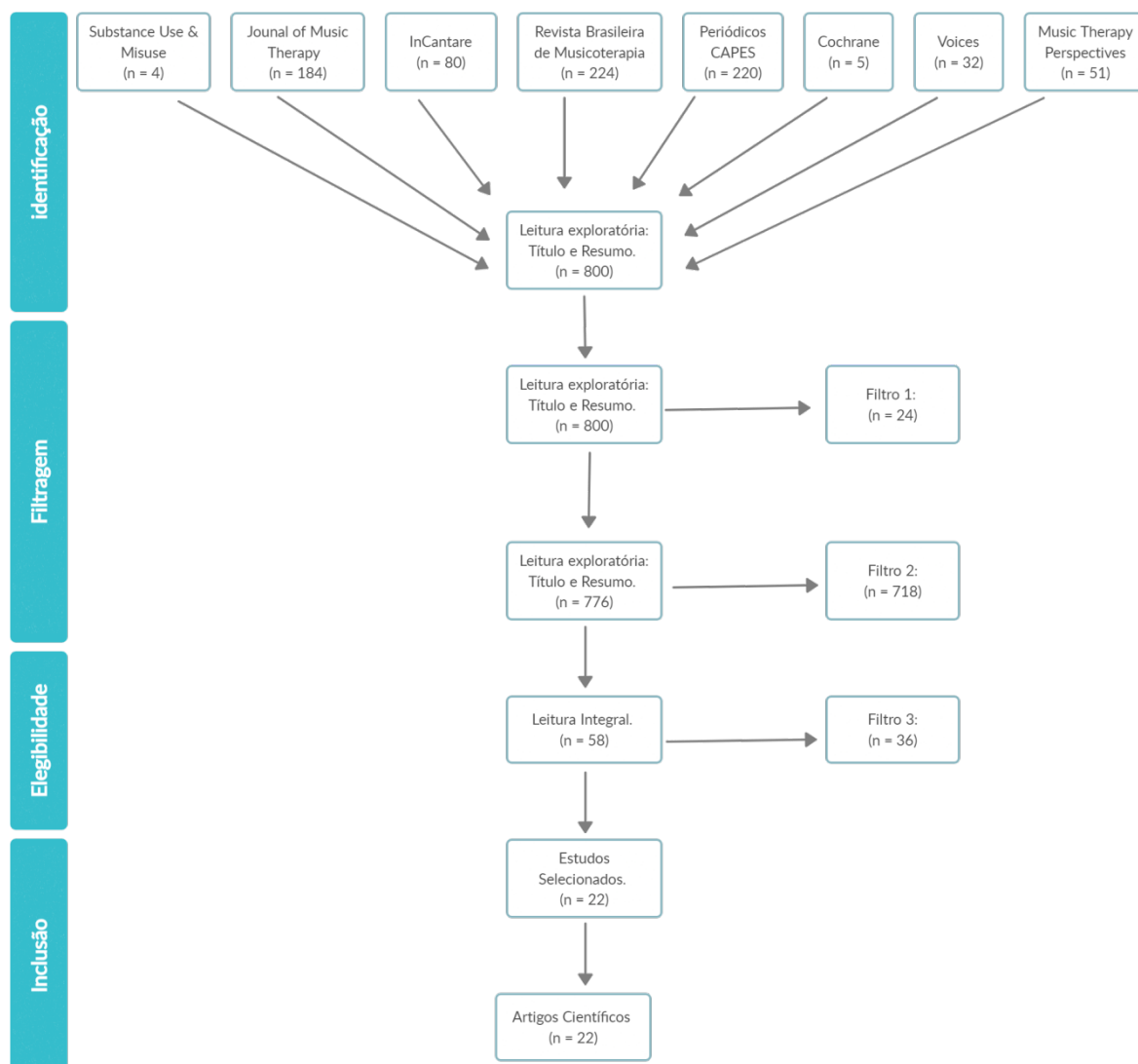
para a consulta e que, após a leitura realizada, revelassem o uso de protocolos e o trabalho clínico na musicoterapia em grupo. Optou-se por considerar todas as datas de publicação já que algumas leituras prévias, para a familiarização com o tema, haviam identificado pouca literatura.

Foram considerados os seguintes critérios para exclusão: pesquisas que não tratavam sobre musicoterapia especificamente; pesquisas que não tratavam de dependência química especificamente; pesquisas que tratavam de música e dependência química, mas não de musicoterapia; e pesquisas que tratavam de musicoterapia, mas não de dependência química. Além disso, foram excluídos textos que não estavam escritos em português, espanhol ou inglês.

Resultados

A Figura 2, a seguir, apresenta o fluxograma do processo de busca e seleção. Foram identificados 796 artigos, 3 dissertações e 1 resenha de livro, resultando no total de 763 textos potencialmente relevantes para esta revisão. No filtro 1, excluímos 24 textos duplicados, que não se tratavam de artigos, dissertações ou teses ou que não apresentavam o texto completo em português, espanhol ou inglês. No filtro 2, excluímos 718 textos que não falavam especificamente de musicoterapia e dependência química em seus títulos, resumos ou palavras-chave. Por fim, no filtro 3, excluímos 36 textos que não tratavam do uso de protocolos de avaliação ou cujos protocolos utilizados não focassem a musicoterapia em grupo. Esse processo gerou um total de 22 estudos, dos quais extraímos os seguintes dados: autor, título e data; objetivo principal; metodologia; e instrumentos, resultados e fonte. Posteriormente fez-se a discussão e a revisão integrativa sobre os resultados obtidos, elencados abaixo.

Figura 2 - Fluxograma dos artigos identificados, filtrados, elegidos e incluídos a partir dos critérios de inclusão e exclusão

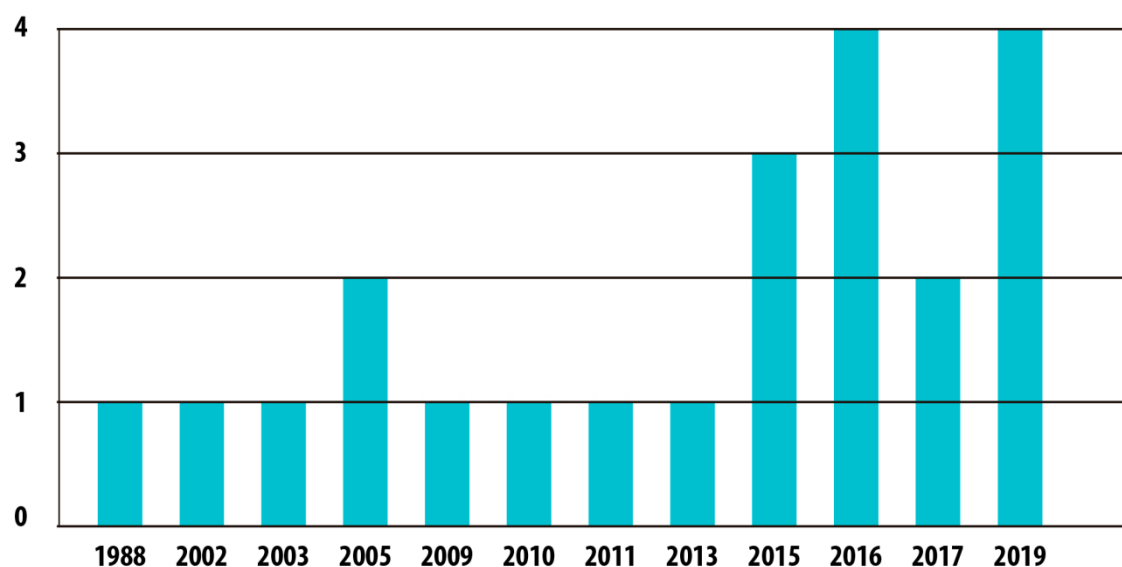


Fonte: Elaborada pelos autores.

Na figura 3, a seguir, pode-se observar a frequência de publicações dos artigos, havendo um pico nos anos de 2016 e 2019, com quatro manuscritos, e a carência entre os anos de 1988 a 2002, com nenhuma publicação que atendesse os critérios desta pesquisa. Os artigos pesquisados foram publicados entre os anos de 1988 e 2019.

Figura 3 – Número de publicações por ano

Publicações por ano



Fonte: Elaborada pelos autores.

Os artigos encontrados nesta pesquisa estão plotados na Tabela 1, e podem ser identificados pelo nome dos autores, títulos, ano de publicação, além dos objetivos, metodologias, instrumentos e resultados de cada artigo.

A pesquisa nas plataformas de publicações científicas relacionando musicoterapia à dependência química indicou artigos publicados em três países, sendo dois no Brasil, nove na Inglaterra e onze nos Estados Unidos da América. Foram encontrados estudos abrangendo os temas supracitados para além da área da musicoterapia, em jornais que tratam de Medicina, Psicologia, Enfermagem e estudos sobre as adições.

Silverman (2019a) determinou os efeitos de uma única intervenção de musicoterapia a partir da técnica de composição musical sobre a percepção da estigmatização da patologia e do suporte social de adultos dependentes químicos (n = 132) em uma unidade

de desintoxicação. O autor hipotetizou que a técnica musicoterapêutica de composição poderia alterar os escores desses constructos. Para tanto, os participantes foram randomizados em grupo experimental, que, devido às limitações de tempo de uma única sessão de terapia na unidade de desintoxicação, recebeu uma intervenção usando composição de Blues 12 compassos, uma forma musical altamente estruturada; e grupo-controle, que recebeu uma tarefa usando um jogo musical. As análises de variância não indicaram diferença significativa entre os grupos sobre estigma ou no suporte social percebidos ($p > 0,1$) no que pese a condição de composição experimental apresentar escores menores sobre o estigma e maiores no que se refere ao suporte social percebido em relação à condição controle.

Taets, Jomar, Abreu e Capella (2019) avaliaram o efeito de uma sessão de musicoterapia sobre o estresse de pessoas dependentes químicas ($n = 18$) em tratamento a partir de análises de cortisol da saliva dos usuários após uma intervenção musicoterapêutica grupal. Perceberam que, após 60 minutos da intervenção musicoterapêutica, houve redução estatisticamente significativa nas médias dos níveis de cortisol salivar (antes da sessão, 0,30; 60 minutos depois, 0,23; 120 minutos depois, 0,19. Com um $p < 0,001$). Porém, após 120 minutos, houve redução, mas sem significância estatística ($p = 0,139$).

Silverman (2019b) explorou a regulação emocional a partir da música, do uso saudável e não saudável da música e as estratégias de enfrentamento em adultos dependentes químicos ($n = 194$) em uma unidade de desintoxicação. Para tanto, realizou análises correlacionais e de regressão múltipla de escalas preenchidas pelos participantes para determinar quais fatores de regulação da emoção baseados na música estavam relacionados à regulação emocional e ao *coping* – definido como “o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas ou estressantes” (ANTONIAZZI; DELL’AGLIO; BANDEIRA, 1998, p. 273). O uso saudável da música ajuda no *coping* ($p = 0,39$) e o humor ($p = 0,35$), enquanto o uso nocivo da música prevê negação

($p < 0,001$), desengajamento comportamental ($p < 0,001$) e a autculpa ($p < 0,005$). Indica-se que a música é um bom regulador emocional entre esta população.

Silverman (2019c) buscou os efeitos de uma única intervenção de composição sobre vergonha, culpa e autoestima (orgulho) em adultos dependentes químicos sem uma unidade de desintoxicação. Os participantes ($n = 132$) do experimento foram randomizados para grupo de composição de canções baseado em Blues, tratando de vergonha, culpa e orgulho, e grupo-controle, que receberam intervenção de musicoterapia recreativa¹. Não houve diferença significativa entre os grupos sobre vergonha ou culpa ($p > 0,05$), com pontuações médias mais baixas na condição experimental. Houve uma diferença significativa entre os grupos sobre autoestima ($p = 0,012$), com os participantes experimentais apresentando escores médios mais altos do que os participantes do controle.

Gutiérrez (2017) realizou a intervenção musicoterapêutica de 19 sessões, conduzidas duas vezes por semana, tendo dentro da metodologia o uso da abordagem analítica, em 7 do sexo masculino e 3 do sexo feminino ($n = 10$). Nas primeiras 8 sessões, foram usadas as técnicas improvisacionais musicoterapêuticas descritas por Bruscia (2016), focadas na empatia, sincronização e imitação. Posteriormente, entre as sessões 10 e 18, foram trabalhadas as técnicas de redireção, debate e facilitação. Na 19ª sessão, foi realizada uma socialização do processo, quando conclusões acerca da intervenção foram elaboradas e compartilhadas. Identificou-se, por meio do uso do Teste de variáveis preditoras de tratamento para adições (VPA) e do Teste de interações musicais (CIM), que o grupo tinha preferência por atividades rítmicas e que, apesar de os indicadores serem positivos, não há possibilidade de generalização dos achados da pesquisa.

Silverman (2017) mediu os efeitos de uma única intervenção grupal musicoterapêutica a partir da técnica de composição

¹ Na terceira edição de *Definindo Musicoterapia*, Bruscia (2016) comenta que as técnicas recreativas, ou recreacionais, dizem respeito a quando o cliente aprende, canta, toca ou executa música composta previamente e/ou reproduz tipos de formas musicais. Também se incluem sob esse nome as atividades ou jogos musicais.

educacional sobre a fissura de pacientes dependentes químicos em uma unidade de desintoxicação. Os participantes (n = 129) foram randomizados em grupos para uma das três condições: composição musical visando prevenção e recuperação de recaídas; musicoterapia recreativa visando ganhos sociais e afetivos; e grupo-controle, que participou de um grupo de “sessão de bingo de Rock ‘n’ Roll”. Todos os participantes responderam questionários após as intervenções. Houve diferença significativa ($p = 0,033$) relacionada à fissura entre os grupos de composição e controle, o que indica que os grupos de Musicoterapia com técnicas composicionais foram mais eficientes em reduzir sintomas de fissura do que as técnicas recreativas.

Silverman (2016a) mediu os efeitos das intervenções musicoterapêuticas de análise lírica em grupo de sessão única sobre os sintomas de abstinência (*withdrawal*) e fissura (*craving*) em pacientes em uma unidade de desintoxicação; também quis determinar se existiam relações entre os efeitos do tratamento e a familiaridade dos participantes com a música. Os participantes (n = 134) foram randomizados em grupos para a condição experimental (somente pós-teste) ou controle de lista de espera. Embora os participantes na condição experimental tivessem menores médias de abstinência e fissura do que os participantes na condição de controle, essas diferenças não foram significativas tanto em abstinência com ($p = 0,055$) quanto em fissura ($p = 0,085$). A familiaridade da música na análise da letra não estava relacionada à abstinência (*withdrawal*) ou fissura (*craving*).

Stamou *et al.* (2016) verificaram se a audição de músicas, gravadas e/ou executadas ao vivo, combinada com dessensibilização sistemática, pode contracondicionar os gatilhos relacionados às drogas e reduzir as respostas implícitas à fissura. Os participantes (n = 24) foram randomizados em grupos para condições experimentais (somente pós-teste) ou controle de lista de espera. Nas condições experimentais existiram dois grupos que ouviram CDs com músicas e frases motivacionais; o primeiro foi acompanhado de músicas executadas ao vivo e o segundo não. O resultado foi

positivo, e o grupo que teve a música executada ao vivo apresentou maior eficiência na redução de sintomas depressivos e respostas à abstinência do que o grupo-controle ($p < 0,001$).

Silverman (2016b) diferenciou as intervenções de musicoterapia ao vivo das intervenções gravadas, bem como as educacionais em oposição às recreacionais, através de medidas de aliança de trabalho e confiança, com pacientes de uma unidade de desintoxicação. Os participantes ($n = 130$) foram aleatoriamente agrupados em um único projeto pós-teste para uma das quatro condições: musicoterapia educacional ao vivo, musicoterapia educacional gravada, educação sem música ou musicoterapia recreativa. Os desfechos avaliados incluíram aliança de trabalho e confiança no terapeuta. Intervenções educacionais em musicoterapia foram realizadas a partir de um roteiro de análises líricas. Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos em nenhuma das medidas ($p > 0,5$ para todas as medidas).

Silverman, Baker e MacDonald (2016) testaram se a fluidez (*flow*) e a significância do processo de composição em musicoterapia estavam relacionadas e funcionavam como preditores de resultado terapêutico nas intervenções de composição com pacientes adultos internados em uma unidade psiquiátrica de tratamento agudo e em uma unidade de desintoxicação. A pesquisa foi composta por dois estudos. No primeiro, os participantes com transtornos mentais agudos ($n = 54$) foram distribuídos randomicamente em três grupos: composição, análise lírica e grupo de espera. No segundo estudo, participantes dependentes químicos ($n = 170$) foram divididos em dois grupos: composição e grupo de espera. Após as sessões, os participantes preencheram escalas sobre fluidez e o significado da composição. Os dados passaram por análises correlacionais e de regressão múltipla. Houve correlação positiva e significativa entre a fluidez, o significado das composições e os resultados terapêuticos. Análises de regressão múltipla indicaram que só a fluidez é um preditor significativo do resultado terapêutico ($p = 0,001$), em detrimento do processo e do produto da composição.

Baker, Silverman e MacDonald (2015), através de um ensaio clínico controlado randomizado, composto de estudos, avaliaram psicometricamente a Escala de Significância da Composição (*Meaningfulness of Songwriting Scale - MSS*). A escala foi construída a partir do pressuposto de que “significado” possui componentes cognitivos, afetivos e relacionais. A MSS pretende medir o significado de um processo musicoterapêutico de composição em pacientes dependentes químicos e com outras psicopatologias. No primeiro estudo, pacientes psiquiátricos agudos foram randomizados aleatoriamente entre três grupos: 1) grupo de composição; 2) grupo de análise lírica; e 3) bingo “Rock ‘n’ Roll” e, no segundo estudo, pacientes dependentes químicos foram randomizados aleatoriamente entre dois grupos: 1) grupo de composição; e 2) bingo “Rock ‘n’ Roll”. Coletaram-se apenas os dados referentes aos grupos de composição de canções. Os resultados indicaram que a MSS possui boa validade de conteúdo, forte consistência interna ($\alpha = 0,98$, grupo psiquiátrico agudo e $\alpha = 0,96$, grupo desintoxicação), confiabilidade aceitável de teste-reteste (CCI (2,1) = 0,93, grupo psiquiátrico agudo e CCI (2,1) = 0,89, grupo de desintoxicação) e validade de construto (o grupo agudo foi $r = 0,68$, $p < 0,001$, e o grupo de desintoxicação foi $r = 0,56$, $p < 0,001$). O erro de medida foi maior no grupo de desintoxicação ($-1,63 \pm 6,33$).

Short e Dingle (2015) pesquisaram se os indivíduos em tratamento para transtornos por uso de substâncias mostram respostas emocionais diferentes à música em comparação ao grupo-controle, e se a escuta pode aumentar e/ou reduzir a fissura em dependentes químicos. Os participantes ($n = 38$) responderam questionários depois de ouvir músicas selecionadas e relacionadas por eles ao uso de substâncias e ao estado abstinência. Fizeram-se relações sobre preferências musicais, sintomas de abstinência e emoções ligadas às músicas. Houve diferenças significativas entre os grupos, em particular os participantes dependentes químicos, que mostraram uma resposta atenuada à música feliz ($p < 0,001$), indicando que a música pode atuar como uma sugestão auditiva

moderada para emoções e fissura em adultos com dependência química.

Silverman (2015) realizou um experimento para verificar o efeito de intervenções de análise lírica na motivação do tratamento em pacientes ($n = 104$) em uma unidade de desintoxicação; o grupo-controle participou de sessão com psicoterapia verbal. Além disso, o autor avaliou as diferenças entre os grupos em relação a duas músicas contrastantes usadas nas sessões. Participantes foram agrupados aleatoriamente em grupo experimental de análise lírica ou grupo-controle de lista de espera. As canções analisadas foram "Hurt" e "How to Save a Life". Usaram-se escalas para medir aspectos da motivação do tratamento, reconhecimento de problemas, desejo de ajuda, prontidão para o tratamento, pressões para o tratamento e total de motivação. Houve diferenças significativas entre os grupos nas medidas de reconhecimento de problemas, desejo de ajuda, prontidão para o tratamento e motivação total ($p < 0,1$ para todos os construtos), com os participantes do grupo experimental apresentando maiores níveis de motivação para o tratamento do que os participantes do controle. Não houve diferença entre as duas intervenções de análise lírica, indicando que o teor da letra da canção não altera os resultados terapêuticos.

Gardstrom, Bartkowski, Willenbrink e Diestelkamp (2013) exploraram o impacto da musicoterapia em grupo nos níveis de afeto negativo autorrelatado entre homens e mulheres em uma unidade residencial de um programa integrado de tratamento para dependência química com diagnóstico duplo ($n = 89$). Os pesquisadores pretendiam determinar se, e em que grau, o envolvimento nas experiências musicoterapêuticas de composição, escuta, recriação, execução e improvisação resultariam em diminuição da intensidade dos níveis de afeto negativo autorrelatados. Foram usadas três adaptações da escala PANAS - X (*Positive Affect Negative Affect Schedule Expanded*), com posterior análise de seus resultados. Um terço dos participantes envolvidos nos grupos de tratamento ($n = 49$) relataram diminuição na ansiedade, tristeza e raiva combinadas ($p < 0,001$). A generalização dos achados é

limitada principalmente pelo uso de instrumento não padronizado (PANAS).

Silverman (2011) pesquisou o efeito de uma intervenção musicoterapêutica chamada de “rockmentário” na prontidão para mudar e na fissura em pacientes em uma unidade de desintoxicação utilizando instrumentos psicométricos. Em um design aleatório, os pacientes ($n = 141$) foram randomizados por grupo para um “rockmentário” de musicoterapia, terapia verbal ou musicoterapia recreativa. Contemplação ($p < 0,001$) e ação ($p < 0,027$) foram os constructos mais bem acionadas pelo “rockmentário” e pela musicoterapia recreativa, alcançando melhores escores do que na terapia verbal. As duas experiências musicoterapêuticas não apresentaram diferenças estatísticas para alterar as variáveis.

Lesiuk (2010) propôs um modelo de reabilitação cognitiva baseada na música que pode resolver com êxito os déficits de funções executivas em indivíduos dependentes químicos, reduzindo a probabilidade de recaída. Além de discussão teórica, a autora utilizou um protocolo de avaliação com o qual concluiu que atividades musicais voltadas à reabilitação cognitiva podem ajudar os clientes a fortalecer as habilidades cognitivas necessárias para lidar com os gatilhos situacionais.

Silverman (2009) fez um experimento no qual avaliou os efeitos de uma única sessão de musicoterapia em clientes fazendo tratamento de desintoxicação. Em um ensaio clínico randomizado e controlado, usou instrumentos psicométricos que medem a prontidão para mudar e trabalhar na aliança terapêutica. Os pacientes ($n = 37$) em desintoxicação participaram de uma intervenção realizada por um musicoterapeuta. O grupo experimental participou de uma intervenção de análise lírica, na forma de um grupo com foco na prevenção de recaídas, enquanto o grupo-controle participou de uma sessão de terapia verbal em grupo com o mesmo tema. A musicoterapia se mostrou igualmente eficaz se comparada à terapia verbal nas medidas psicométricas de prontidão para mudança, para o tratamento e para a aliança de trabalho ($p < 0,001$).

Cevasco, Kennedy e Generally (2005) investigaram os efeitos de três tipos diferentes de intervenções de musicoterapia nos níveis de depressão, estresse, ansiedade e raiva de pessoas do sexo feminino na reabilitação de abuso de substâncias (n = 20) em um ensaio clínico não controlado e não randomizado. Para tanto, aplicaram-se escalas de medidas dos níveis de raiva, ansiedade, estresse e depressão em participantes de atendimentos ambulatoriais de musicoterapia em reabilitação de abuso de substâncias. Fizeram-se duas semanas de atividades de movimento com música, duas semanas com atividades de ritmo e mais duas semanas de jogos competitivos. As participantes relataram diminuição na depressão, estresse, ansiedade e raiva ($p < 0,001$) imediatamente após as sessões de musicoterapia e não houve diferença quanto a efetividade das intervenções.

Jones (2005) investigou qual técnica de musicoterapia – composição ou análise lírica – seria mais eficaz em promover mudanças emocionais durante uma única sessão com mulheres diagnosticadas com dependência química (n = 26). O estudo usou testes para medir os níveis de raiva, ansiedade, estresse e depressão em mulheres participantes de atendimentos ambulatoriais de musicoterapia em reabilitação de abuso de substâncias. As participantes engajaram-se em uma sessão grupal de musicoterapia a partir da técnica de composição (n = 13) ou de análise lírica (n = 13). Uma escala visual analógica de humor contendo 11 variáveis emocionais foi aplicada antes e imediatamente após as sessões. Não houve diferença significativa sobre as técnicas utilizadas nos grupos, tanto no pré-teste como no pós-teste ($F(1,264) = 1,08$; $p > 0,05$), mas, sim, sobre as variáveis emocionais em cada uma ($F(10, 264) = 3,52$; $p < 0,05$). A musicoterapia aumentou significativamente sentimentos positivos, como aceitação, alegria e prazer e reduziu sentimentos negativos, como medo e distração.

Doak (2003) relacionou preferências musicais, preferências de drogas e diagnósticos de adolescentes, de ambos os sexos, em tratamento por abuso de substâncias. Os participantes (n = 58) responderam questionários sobre preferências musicais e de drogas.

Buscou-se o coeficiente de contingência para as relações entre preferências musicais, preferências de drogas e os diagnósticos dos pesquisados. A análise dos dados indicou correlações significativas entre música preferida e o diagnóstico ($p < 0,01$), preferência de drogas e diagnóstico ($p < 0,002$) e diagnóstico e razão para o uso de drogas. No entanto, os indicativos são questionáveis, já que o pesquisador não usou instrumento testado e validado.

Gallagher e Steele (2002) descreveram um modelo de implementação de musicoterapia como componente integrante do tratamento recebido pelos clientes em um programa de atendimentos grupais de pessoas que fazem abuso de substâncias. A partir da análise de questionários, concluiu-se que 82% dos clientes expressaram seus pensamentos e sentimentos em sessões através de interação com colegas, respostas às perguntas ou tocando instrumentos e cantando.

James (1988) documentou a influência das atividades de esclarecimento dos valores da musicoterapia nos níveis de “lôcus de controle”. O autor realizou dois estudos quase-experimentais com adolescentes de ambos os sexos ($n = 60$) em uma clínica focada na reabilitação em dependência química. Os grupos experimentais participaram de sessões de discussão em musicoterapia de uma hora, estruturados de acordo com a abordagem do “Lôcus de Controle”. Os grupos-controle participaram de outras atividades da instituição. Encontrou-se que o uso de atividades de musicoterapia, através da análise de letras com foco no esclarecimento de valores, permitiu que clientes adolescentes desenvolvessem atitudes positivas e saudáveis em relação a si mesmos e sobre a recuperação da dependência química [$t(18) = 1,87, p < 0,05$].

Tabela 1 – Dados extraídos para análise da revisão bibliográfica que contém autor, data, objetivo, metodologia, protocolos de avaliação e resultados

Autor e data	Objetivo	Metodologia	Protocolos de avaliação	Resultados
Silverman (2019a)	Determinar os efeitos de uma única intervenção de musicoterapia a partir da técnica de composição musical sobre a percepção da estigmatização da patologia e do suporte social de adultos dependentes químicos em uma unidade de desintoxicação.	Os participantes foram randomizados em grupo experimental e grupo-controle. O grupo experimental recebeu uma intervenção usando composição de blues altamente estruturada, na qual os participantes escreveram letras descrevendo o estigma contra o vício como um constructo social inadequado e falso no primeiro verso e enfrentando o estigma usando apoios sociais no segundo verso. O grupo-controle recebeu como tarefa um jogo musical.	<i>Perceived Stigma of Addiction Scale (PSAS)</i> e <i>Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS)</i> .	As análises de variância não indicaram diferença significativa entre os grupos sobre estigma ou no suporte social percebidos ($p > 0,1$). No entanto, em todas as variáveis, a condição de composição terapêutica experimental apresentou escores menores sobre o estigma e maiores no que se refere ao suporte social percebido em relação à condição controle.
Taets, Jomar, Abreu e Capella (2019)	Avaliar o efeito da musicoterapia sobre o estresse de dependentes químicos.	Estudo quase experimental realizado com 18 dependentes químicos em tratamento. O cortisol salivar foi coletado antes, 60 e 120 minutos após única intervenção musicoterapêutica em grupo. Foram realizados testes não paramétricos de Wilcoxon e de Kruskal-Wallis.	Coletor de saliva Salivette. A dosagem de cortisol nas amostras foi realizada através de imunoenensaio por eletroquimioluminescência.	Após 60 minutos da intervenção musicoterapêutica, houve redução estatisticamente significativa nas médias dos níveis de cortisol salivar ($p < 0,001$). Após 120 minutos, também houve redução, mas sem significância estatística ($p = 0,139$).

<p>Silverman (2019b)</p>	<p>Explorar a regulação emocional a partir do uso saudável e não saudável da música e as estratégias de enfrentamento em adultos dependentes químicos em uma unidade de desintoxicação.</p>	<p>Estudo transversal por meio de análises correlacionais e de regressão múltipla de escalas preenchidas por 194 participantes para determinar quais fatores de regulação da emoção baseados na música estavam relacionados à regulação emocional e ao coping.</p>	<p><i>Brief Music in Mood Regulation Scale (B-MMR), Healthy-Unhealthy Music Scale (HUMS) e Brief COPE Inventory.</i></p>	<p>Há inúmeras relações sobre as variáveis, entre elas a de que o uso saudável da música ajuda no enfrentamento ($p = 0,39$) e o humor ($p = 0,35$), enquanto o uso nocivo da música prevê negação ($p < 0,001$), desengajamento comportamental ($p < 0,001$) e a autculpa ($p < 0,005$). Indica que a música é um bom regulador emocional entre esta população.</p>
<p>Silverman (2019c)</p>	<p>Determinar os efeitos de uma única intervenção musicoterapêutica de composição sobre vergonha, culpa e orgulho em adultos dependentes químicos em uma unidade de desintoxicação.</p>	<p>Os participantes foram randomizados para condição de grupo de composição de canções ou controle. Neste estudo de sessão única, os participantes experimentais receberam um protocolo de composição de blues em grupo, tratando de vergonha, culpa e orgulho e, em seguida, preencheram o questionário. Os participantes do controle preencheram o questionário após intervenção de musicoterapia recreativa.</p>	<p><i>State Shame and Guilt Scale (SSGS).</i></p>	<p>Não houve diferença significativa entre os grupos sobre vergonha ou culpa ($p > 0,05$), com pontuações médias mais baixas na condição experimental. Houve uma diferença significativa entre os grupos sobre o orgulho ($p = 0,012$) quando os participantes experimentais apresentaram escores médios mais altos do que os participantes do controle.</p>
<p>Gutiérrez (2017)</p>	<p>Identificar o impacto do trabalho de musicoterapia na adesão ao tratamento dos pacientes diagnosticados com dependência crônica e descrever a interação musical e as mudanças no grupo de intervenção durante o processo.</p>	<p>Descrição de atendimentos e uso de escalas para avaliar a efetividade do tratamento de musicoterapia com o objetivo de adesão de pacientes dependentes químicos.</p>	<p>Teste de variáveis preditoras de tratamento para adições (VPA) e Teste de interações musicais (CIM).</p>	<p>O grupo tinha predileção por atividades rítmicas e a descrição das atividades permitiu reflexões sobre o porquê do abandono de quatro dos pacientes.</p>

<p>Silverman (2017)</p>	<p>Medir os efeitos de uma única intervenção grupal musicoterapêutica a partir da técnica de composição educacional sobre a fissura de pacientes dependentes químicos em uma unidade de desintoxicação.</p>	<p>Os participantes foram randomizados em grupos para uma das três condições: composição musical visando prevenção e recuperação de recaídas, musicoterapia recreativa visando ganhos sociais e afetivos e grupo-controle que participou de um grupo de "sessão de bingo de Rock 'n' Roll". Todos participantes responderam a questionários após as intervenções.</p>	<p><i>The Alcohol Craving Questionnaire-Short Form (ACQ-SF-R).</i></p>	<p>Houve diferença significativa ($p = 0,033$) relacionada à fissura entre os grupos de composição e controle. Embora nenhuma outra diferença tenha atingido significância estatística, os participantes da composição tiveram escores médios de fissura mais baixos do que os participantes nas condições de controle e recreação.</p>
<p>Silverman (2016a)</p>	<p>Medir os efeitos das intervenções musicoterapêuticas de análise lírica em grupo de sessão única sobre os sintomas de abstinência (withdrawal) e fissura (craving) em pacientes de uma unidade de desintoxicação. Também se quis determinar se existiam relações entre os efeitos do tratamento e a familiaridade dos participantes com a música.</p>	<p>Os participantes foram randomizados em grupos para condições experimentais (somente pós-teste) ou controle de lista de espera.</p>	<p><i>Adjective Rating Scale for Withdrawal (ARSW), Brief Substance Craving Scale (BSCS).</i></p>	<p>Embora os participantes na condição experimental tivessem menores médias de abstinência e fissura do que os participantes na condição de controle, essas diferenças não foram significativas tanto em abstinência ($p = 0,055$) quanto em fissura ($p = 0,085$). A familiaridade da música na análise da letra não estava relacionada à abstinência (withdrawal) ou fissura (craving).</p>
<p>Stamou <i>et al.</i> (2016)</p>	<p>Verificar se duas modalidades musicais diferentes, ao vivo e pré-gravada, combinadas com a técnica de dessensibilização sistemática, podem contracondicionar os sinais relacionados às drogas e reduzir as respostas implícitas ao desejo.</p>	<p>Estudo de intervenção com 24 pacientes divididos randomicamente em três grupos, sendo um desses o grupo-controle.</p>	<p><i>Symptoms Checklist-90-R Derogatis (SCL-90-R), Craving Reactivity Scale (CRS), Permissive Thoughts Questionnaire (ICT) e Participation Evaluation Questionnaire (PEQ).</i></p>	<p>O resultado foi positivo, sendo que a música executada ao vivo apresentou mais eficiência em redução de sintomas depressivos e melhores respostas à abstinência em relação ao grupo-controle ($p < 0,001$).</p>

<p>Silverman (2016b)</p>	<p>Diferenciar as intervenções de musicoterapia ao vivo das gravadas, bem como as educacionais em oposição às recreacionais, através de medidas de aliança de trabalho e confiança com pacientes de uma unidade de desintoxicação.</p>	<p>Os participantes foram aleatoriamente agrupados em um único projeto pós-teste para uma das quatro condições: musicoterapia educacional ao vivo, musicoterapia educacional gravada, educação sem música ou musicoterapia recreativa. As medidas incluíram aliança de trabalho e confiança no terapeuta. Intervenções educacionais em musicoterapia foram realizadas a partir de um roteiro de análises líricas.</p>	<p><i>Working Alliance Inventory-Short Form (WAI-S)</i> e <i>Wake Forest Physician Trust Scale</i>.</p>	<p>Não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos em nenhuma das medidas ($p > 0,05$).</p>
<p>Silverman, Baker e MacDonald (2016)</p>	<p>Determinar se a fluidez (<i>flow</i>) e a significância do processo de composição em musicoterapia estavam relacionados e funcionavam como preditores de resultado terapêutico nas intervenções de composição com pacientes adultos internados em uma unidade psiquiátrica de tratamento agudo e em uma unidade de desintoxicação.</p>	<p>A pesquisa contém dois estudos. No primeiro, os participantes com transtornos mentais agudos foram distribuídos randomicamente em três grupos: composição, análise lírica e grupo de espera. No segundo estudo, participantes dependentes químicos foram divididos em dois grupos: composição e grupo de espera. Após as sessões, participantes preencheram escalas sobre fluidez e significância da composição. Os dados passaram por análises correlacionais e de regressão múltipla.</p>	<p><i>Short State Flow Scale (SSF)</i>, <i>Meaningfulness of Songwriting Scale (MoSS)</i>, <i>State Hope Scale (SHS)</i> e <i>Readiness to Change Questionnaire - Treatment Version (RTCQ-TV)</i>.</p>	<p>Houve correlação positiva e significativa entre fluidez e significado das composições e resultados. O primeiro estudo indicou fortes relações entre o fluxo, a significância do processo de composição, o produto da composição e os resultados clínicos (todas $p \leq 0,016$). O segundo indicou que o fluxo era o único preditor terapêutico significativo, em detrimento do processo e produto da composição.</p>

<p>Baker, Silverman e MacDonald (2015)</p>	<p>Avaliar psicometricamente a Escala de Significância da Composição (MSS) como uma medida de significado de um processo musicoterapêutico de composição.</p>	<p>Testes de validade do conteúdo e de construto, consistência interna, confiabilidade teste-reteste, erro de medição. A MSS e a escala Short State Flow foram preenchidas logo após o atendimento e depois de 6 horas.</p>	<p>MSS e <i>Short State Flow Scale</i>.</p>	<p>Os resultados indicaram que a MSS possui boa validade de conteúdo, forte consistência interna ($\alpha = 0,98$, no grupo psiquiátrico agudo e $\alpha = 0,96$, para grupo desintoxicação), confiabilidade aceitável de teste-reteste CCI (2,1) = 0,93, no grupo psiquiátrico agudo e CCI (2,1) = 0,89 para o grupo de desintoxicação) e validade de construto (o grupo agudo foi $r = 0,68$, $p < 0,001$, e o grupo de desintoxicação foi $r = 0,56$, $p < 0,001$). O erro de medida foi maior no grupo de desintoxicação (-1.63 ± 6.33).</p>
<p>Short e Dingle (2015)</p>	<p>Pesquisar se os indivíduos em tratamento de transtornos por uso de substâncias mostram respostas emocionais diferentes à música em comparação a um grupo-controle e se a escuta pode aumentar ou reduzir o desejo de usar substâncias em dependentes químicos.</p>	<p>Experimento no qual participantes responderam a questionários depois de ouvir uma música selecionada e relacionada por eles ao uso de substâncias e ao estado abstêmio. Fizeram-se relações sobre preferências musicais, sintomas de abstinência e emoções ligadas às músicas.</p>	<p><i>Alcohol Urge Questionnaire adaptado</i>, <i>Geneva Emotions in Music Scale</i> (GEMS), Valência emocional e Excitação emocional foram avaliadas por uma pergunta respondida em escala Likert.</p>	<p>Houve diferenças significativas entre os grupos. Em particular, os participantes dependentes químicos mostraram uma resposta atenuada à música feliz ($p < 0,001$). A música pode atuar como uma sugestão auditiva moderada para emoções e fissura em adultos com dependência química.</p>
<p>Silverman (2015)</p>	<p>Determinar o efeito de intervenções musicoterapêuticas de análise lírica na motivação para o tratamento em pacientes de uma unidade de desintoxicação e avaliar as diferenças entre grupo experimental e controle em relação a duas músicas contrastantes usadas nas sessões.</p>	<p>Participantes foram agrupados aleatoriamente em grupo experimental de análise lírica ou grupo-controle de lista de espera. As canções analisadas foram "Hurt" e "How to Save a Life". Usaram-se escalas para medir aspectos da motivação do tratamento, reconhecimento de problemas, desejo de ajuda, prontidão para o tratamento, pressões para o tratamento e total de motivação.</p>	<p><i>Texas Christian University Treatment Motivation Scale - Client Evaluation of Self at Intake</i> (CESI).</p>	<p>Houve diferenças significativas entre os grupos nas medidas de reconhecimento de problemas, desejo de ajuda, prontidão para o tratamento e motivação total ($p < 0,1$ para todos os construtos), com os participantes do grupo experimental tendo maiores motivações para o tratamento do que os participantes do controle. Não houve diferença entre as duas intervenções de análise lírica.</p>

<p>Gardstrom, Bartkowski, Willenbrink e Diestelkamp (2013)</p>	<p>Explorar o impacto da musicoterapia em grupo sobre o afeto negativo autorrelatado (NA) entre homens e mulheres em uma unidade residencial de um programa integrado de tratamento para diagnóstico duplo.</p>	<p>Determinar se, e em que grau, o envolvimento nas experiências musicoterapêuticas de composição, escuta, recriação, execução e improvisação resulta em diminuição da intensidade dos níveis de afeto negativo autorrelatados.</p>	<p>Três adaptações do PANAS – X (<i>Positive Affect Negative Affect Schedule Expanded</i>).</p>	<p>Um terço dos participantes envolvidos nos grupos de tratamento relataram diminuição na ansiedade, tristeza e raiva combinadas ($p < 0,001$). A generalização dos achados é limitada principalmente pelo uso de um instrumento não padronizado.</p>
<p>Silverman (2011)</p>	<p>Determinar o efeito de uma intervenção musicoterapêutica chamada “rockumentário” sobre a prontidão para mudar e a fissura de pacientes de uma unidade de desintoxicação utilizando instrumentos psicométricos.</p>	<p>Um design aleatório onde 141 pacientes foram randomizados por grupo para um “rockumentário” de musicoterapia, terapia verbal ou musicoterapia recreativa.</p>	<p><i>Readiness to Change Questionnaire-Treatment Version (RTCQ-TV)</i>, <i>Brief Substance Craving Scale (BSCS)</i> e questionários de avaliação e de pós-teste contendo escalas Likert.</p>	<p>Contemplação ($p < 0,001$), e ação ($p < 0,027$) foram os constructos mais bem acionadas no “rockumentário” e na musicoterapia recreativa do que na terapia verbal. As duas ações musicoterapêuticas não apresentaram diferenças estatísticas para alterar as variáveis.</p>
<p>Lesiuk (2010)</p>	<p>Descrever como a reabilitação cognitiva baseada na música pode resolver com êxito os déficits da função executiva em indivíduos dependentes de drogas, reduzindo, assim, a probabilidade de recaída.</p>	<p>Descrição de um modelo baseado em estudos de cognição para o cuidado de pessoas com dependência química a fim de prevenir recaídas.</p>	<p><i>Sound Training for Attention and Memory protocol (STAM)</i>.</p>	<p>Atividades musicais voltadas à reabilitação cognitiva podem ajudar os clientes a fortalecer as habilidades cognitivas necessárias para lidar com os gatilhos situacionais.</p>

<p>Silverman (2009)</p>	<p>Avaliar os efeitos de uma única sessão de musicoterapia em clientes de uma unidade de desintoxicação usando instrumentos psicométricos que medem a prontidão para mudar e a aliança terapêutica.</p>	<p>Ensaio clínico randomizado controlado em que pacientes em desintoxicação participaram de uma intervenção realizada por um musicoterapeuta. O grupo experimental participou de uma intervenção de análise lírica em grupo com foco na prevenção de recaídas, enquanto o grupo-controle participou de uma sessão de terapia verbal em grupo com o mesmo tema.</p>	<p><i>Stages of Change Readiness and Treatment Eagerness Scale (SOCRATES), Helping Alliance Questionnaire (HAQ-II).</i></p>	<p>A musicoterapia pode ser tão eficaz quanto à terapia verbal em medidas psicométricas de prontidão para mudança para o tratamento e para a aliança de trabalho ($p < 0,001$).</p>
<p>Cevasco, Kennedy e Generally (2005)</p>	<p>Investigar os efeitos de três tipos diferentes de intervenções de musicoterapia sobre depressão, estresse, ansiedade e raiva de clientes do sexo feminino em reabilitação de abuso de substâncias.</p>	<p>Aplicaram-se testes para medição de níveis de raiva, ansiedade, estresse e depressão em mulheres participantes de atendimentos ambulatoriais de musicoterapia em reabilitação de abuso de substâncias. Fizeram-se duas semanas de atividades de movimento com música, duas semanas com atividades de ritmo e mais duas semanas de jogos competitivos.</p>	<p>Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE – <i>State Trait Anxiety Inventory</i>) e <i>Novaco Anger Inventory Short Form</i>.</p>	<p>A medida ANOVA não indicou diferenças significativas para os três tipos de intervenção de musicoterapia. No entanto, as pacientes relataram diminuição na depressão, estresse, ansiedade e raiva ($p < 0,001$) imediatamente após as sessões de musicoterapia e não houve diferença quanto a efetividade das intervenções.</p>
<p>Jones (2005)</p>	<p>Determinar qual técnica de musicoterapia foi mais eficaz em promover mudanças emocionais com pessoas que são quimicamente dependentes durante uma única sessão.</p>	<p>Os participantes se engajaram em uma sessão grupal de musicoterapia a partir da técnica de composição ($n = 13$) ou de análise lírica ($n = 13$). Uma escala visual analógica de humor contendo 11 variáveis emocionais foi aplicada antes e imediatamente após as sessões.</p>	<p>Uma escala visual analógica de humor (VAMS), adaptada pelo pesquisador, como uma medida dependente e <i>Significant Moments in Treatment Questionnaire</i>.</p>	<p>Não houve diferença significativa sobre as duas técnicas utilizadas nos grupos, assim como no pré-teste ($F(1,264) = 1,08$; $p > 0,05$), mas sim sobre as variáveis emocionais em cada uma ($F(10,264) = 3,52$; $p < 0,05$). A musicoterapia aumentou significativamente sentimentos positivos, como aceitação alegria e prazer, e reduziu sentimentos negativos, como medo e distração.</p>

Doak (2003)	Investigar as relações entre preferências musicais, preferências de drogas e diagnósticos de adolescentes em tratamento por abuso de substâncias.	Cinquenta e oito adolescentes responderam questionários sobre preferências musicais e de drogas. Buscou-se o coeficiente de contingência para as relações entre preferências musicais, preferências de drogas e diagnósticos.	Questionário desenvolvido pelo pesquisador para a pesquisa e baseado em suas fichas de avaliação inicial.	A análise dos dados indicou correlações significativas entre música preferida e diagnóstico ($p < 0,01$), droga de preferência e diagnóstico ($p < 0,002$) e diagnóstico e razão para o uso de drogas ($p < 0,02$). No entanto, o instrumento de avaliação psicológica usado não foi testado e validado.
Gallagher (2002)	Descrever um modelo de implementação de musicoterapia como componente integrante do tratamento recebido pelos clientes em um programa de abuso de substâncias e doenças mentais. Técnicas de avaliação também são descritas.	Texto descritivo.	<i>CMSS group data chart e Happy/Sad Faces Assessment Tool.</i>	A participação ativa nas sessões (interagindo com colegas, comentando, respondendo a perguntas, contribuindo para a atividade, tocando instrumentos, cantando, escrevendo letras de músicas etc.) teve uma média de 91%, e 82% dos clientes expressou seus pensamentos e sentimentos em sessões.
James (1988)	Documentar a influência das atividades de esclarecimento dos valores em musicoterapia nos níveis avaliados de "Lócus de Controle".	Dois estudos quase-experimentais com 60 adolescentes em clínica focada na reabilitação em dependência química. Os grupos experimentais participaram de sessões de discussão em musicoterapia de uma hora, estruturados de acordo com a abordagem do "Lócus de Controle". O grupo-controle participou de outras atividades da instituição.	<i>Abbreviated Internal External Locus of Control Scale.</i>	O uso de atividades de musicoterapia, através da análise de letras, com foco no esclarecimento de valores permitiu que clientes adolescentes desenvolvessem atitudes positivas e saudáveis em relação a si mesmos e sobre a recuperação da dependência química [$t(18) = 1,87, p < 0,05$].

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Conclusões

Os principais temas presentes nas pesquisas identificadas abordam a eficácia dos tratamentos de musicoterapia em relação à fissura (*craving*), habilidades de enfrentamento (*coping skills*), sintomas de abstinência, ansiedade, além do uso da música para autorregulação emocional. As filtragens excluíram 778 publicações. Dentre elas, muitas pesquisavam a musicoterapia em tratamentos para controle da dor, substituindo opioides e em tratamentos de outras populações que se correlacionam com a dependência química, crianças moradoras de rua, crianças em situação de risco e pessoas abusadas sexualmente.

Há literatura suficiente para concluir-se alguns pontos acerca da ação da musicoterapia sobre aspectos psicológicos de pacientes acometidos por dependência química, sobretudo, quando intervenções musicoterapêuticas são associadas às abordagens cognitivas, comportamentais e neurológicas para o tratamento.

Apesar dessa conclusão geral, os estudos são limitados por questões metodológicas como: 1) a diversidade dos desfechos avaliados e a falta de avaliação de desfechos duros; 2) a diversidade de intervenções testadas; 3) o pequeno número de sessões de intervenção de musicoterapia usado nos estudos; 4) a falta de avaliação dos efeitos no longo prazo; 5) os controles usados no estudo; e 6) a falta de padronização dos tratamentos auxiliares usados concomitantemente à intervenção de musicoterapia.

Há falta de padronização dos desfechos avaliados pelos estudos, o que limita sua comparabilidade. Nos estudos aqui analisados, foram usadas várias escalas, protocolos, instrumentos e questionários de avaliação psicológica para medição de construtos relacionados ao tratamento de dependentes químicos a partir da música. São elas *Meaningfulness of Songwriting Scale* (MSS), *Motives for Listening to Music Questionnaire* (MLMQ), *Sound Training for Attention and Memory protocol* (STAM), *Geneva Emotions in Music Scale* (GEMS), *Meaningfulness of Songwriting Scale* (MoSS), *Brief Music in Mood Regulation Scale* (B-MMR) e *Healthy-Unhealthy Music Scale*

(HUMS). De forma geral, as pesquisas não identificaram diferenças sobre eficácia das experiências musicoterapêuticas nos desfechos duros do tratamento da dependência de drogas (como abstinência em um ano ou número de recaídas), mas, sim, sobre quais variáveis essas experiências mobilizaram. Isso é de importância na medida em que se observa que as intervenções musicais utilizadas têm mais ação sobre aspectos secundários ao diagnóstico de dependência química e não diretamente sobre esse transtorno. Esse é um aspecto importante, pois, mesmo não interferindo diretamente na doença, a musicoterapia é, possivelmente, capaz de melhorar o humor, a percepção de bem-estar e a qualidade de vida dos pacientes em tratamento.

Há ainda uma diversidade de argumentos justificando as intervenções e na estruturação das intervenções avaliadas. Dentre elas, as principais experiências musicoterapêuticas foram: 1) A **recriação**, a partir de análise lírica, os jogos rítmicos e a confecção de “rockumentário”; 2) a **composição** de canções; 3) a **escuta musical**; e 4) atividades voltadas para a **reabilitação cognitiva**.

As experiências de **recriação** a partir da **análise lírica** conseguiram melhores escores em relação ao esclarecimento de valores, aumento de sentimentos positivos, reconhecimento de problemas, desejo de ajuda, prontidão para o tratamento e motivação; além disso, proporcionaram uma diminuição significativa de estresse logo após a atividade, funcionando como um bom regulador emocional, atuando, principalmente, no humor e no enfrentamento (*coping*). Já as atividades de **jogos rítmicos** proporcionaram diminuição de sintomas depressivos, ansiedade, raiva e fissura. O **rockmentário** melhorou escores sobre contemplação e ação, atributos da prontidão para a mudança, e diminuiu sintomas de fissura.

As experiências de **composição** aumentaram a autoestima (orgulho) e conseguiram bons escores para diminuição de fissura. É interessante notar que o fluxo (*flow*) do processo de composição mostrou-se mais importante do que o significado da letra. Verificou-se ainda que as experiências composicionais não

alteraram significativamente variáveis de culpa, vergonha, estigma e suporte sociais dos pacientes dependentes químicos.

As experiências de **escuta** musical ao vivo apresentaram mais eficácia do que as experiências envolvendo músicas gravadas, porém, ambas indicaram bons escores sobre redução de probabilidade de recaída, dessensibilização sistemática, e na relação de música considerada saudável pelo paciente sobre a possibilidade de uso em seu tratamento. Nota-se que as pesquisas apontaram divergências sobre o que é considerada música saudável ou nociva, porém, de forma geral, as músicas saudáveis predisseram melhor o *coping*, a aceitação e a regulação de humor. Por outro lado, as músicas consideradas nocivas predisseram a negação, o desabafo e a culpa. Músicas “saudáveis” ou “nocivas” não predisseram sobre abuso de substância, suporte emocional, desengajamento comportamental, planejamento ou elaboração positiva, o que indica que tais características não são condição importante para o trabalho com tais variáveis.

As atividades de reabilitação cognitiva que usam de todas as experiências musicais são boas alternativas para o aprendizado de estratégias para lidar com situações de gatilho situacionais.

A maior parte dos estudos usou apenas uma sessão de musicoterapia e uma medida do desfecho estudado. Isso permite avaliar o efeito da intervenção no curto prazo, mas não na determinação dos efeitos a médio e longo prazo, tanto nos desfechos avaliados quanto nos desfechos duros da dependência química.

Outro ponto a ser considerado são os grupos-controle usados pelos estudos. Como nos estudos avaliando as intervenções psicológicas, os estudos avaliados utilizaram ou uma fila de espera ou uma sessão “branca” (*Sham*), onde acontecia uma intervenção outra que as de musicoterapia estudadas. Deve-se considerar que, apesar de terem alguma validade interna na comparação de intervenções de musicoterapia, essas formas de controle também produzem algum efeito nos pacientes, o que limita a interpretação do tamanho do impacto da intervenção de musicoterapia. Contudo,

deve-se reconhecer quão difícil é a utilização de outras modalidades de placebo ou controle nos estudos que envolvem intervenções de musicoterapia.

Cabe ainda avaliar que a maioria dos estudos realizou as intervenções de musicoterapia como tratamento auxiliar dos pacientes com dependência e que não houve uma padronização dos tratamentos para dependência nesses estudos. Dessa forma, fica difícil avaliar quanto do efeito da intervenção deve-se exclusivamente à musicoterapia ou a outros tratamentos.

Esta revisão aponta, portanto, a necessidade de um maior aprimoramento dos futuros estudos clínicos por meio da avaliação dos efeitos da musicoterapia em pacientes com dependência química. É importante que os estudos sigam os critérios de melhores práticas clínicas, que determinem desfechos claros e clinicamente significativos, que tenham amostras que assegurem o poder das comparações estatísticas, e que utilizem intervenções bem embasadas teoricamente e controles fiáveis, além de avaliar os impactos das intervenções a curto e médio prazo.

Por fim, dada a quantidade e densidade de informações que conseguimos retirar dos estudos selecionados, indicamos que o uso de protocolos de avaliação psicológica são importantes ferramentas para entender como os tratamentos de musicoterapia atuam no cuidado aos pacientes dependentes químicos. Assim, valendo-nos dessas ferramentas, conseguiremos avaliar melhor as nossas conquistas e insucessos musicoterapêuticos.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2014.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n.

2, p. 273-294, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BAKER, F. A.; SILVERMAN, M. J.; MACDONALD, R. A. R. Reliability and validity of the meaningfulness of songwriting scale (MSS) with adults on acute psychiatric and detoxification units. **Journal of Music Therapy**, Oxford, England, v. 53, n. 1, p. 55-74, 2015. Disponível em: <http://doi:10.1093/jmt/thv020>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Nota Técnica nº 11 de 4 de fevereiro de 2019 - CGMAD/DAPES/SAS/MS**. Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas. Disponível em: <https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BRUSCIA, Kenneth, E. **Definindo musicoterapia**. Tradução: Marcus Leopoldino. 3 ed. Barcelona: Barcelona Publishers, 2016.

CEVASCO, A. M.; KENNEDY, R.; GENERALLY, N. R. Comparison of Movement-to-Music, Rhythm Activities, and Competitive Games on Depression, Stress, Anxiety, and Anger of Females in Substance Abuse Rehabilitation. **Journal of Music Therapy**, Oxford, England, v. 1, n. XLII, p. 64-80, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/42.1.64>. Acesso em: 3 dez. 2020.

DOAK, B. A. Relationships Between Adolescent Psychiatric Diagnoses, Music Preferences, and Drug Preferences. **Music Therapy Perspectives**, Oxford, England, v. 21, p. 69-76, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/mtp/21.2.69>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. de; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 9-11, 2014. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>. Acesso em 3 dez. 2020.

GALLAGHER, L. M.; STEELE, A. L. Music Therapy with Offenders in a Substance Abuse/Mental Illness Treatment Program. **Music Therapy Perspectives**, Oxford, England, v. 20, n. 2, p. 117-122, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/mtp/20.2.117>. Acesso em: 3 dez. 2020.

GARCIA, F. D.; ALKMIN, N. R. Conceito de drogas e seus padrões de uso. *In*: GARCIA, F. D. (org.). **Manual de abordagens em Dependência Química**. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2014. p. 19-32.

GARDSTROM, S. C.; BARTKOWSKI, J.; WILLENBRINK, J.; DIESTELKAMP, W. S. The Impact of Group Music Therapy on Negative Affect of People with Co-Occurring Substance Use Disorders and Mental Illnesses. **Music Therapy Perspectives**, Oxford, England, v. 31, n. 2, p. 116-126, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/mtp/31.2.116>. Acesso em: 3 dez. 2020.

GUTIÉRREZ, C. A. B. Musicoterapia y adicciones: efectos de la Musicoterapia en la adherencia al tratamiento de un grupo de pacientes con consumo crónico de sustancias psicoactivas. **InCantare**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 50-77, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/download/2054/1358>. Acesso em: 3 dez. 2020.

HOHMANN, L.; BRADT, J.; STEGEMANN, T.; ZHANG, Q. Effects of music therapy and music-based interventions in the treatment of substance use disorders: A systematic review. **PLoS One**, San Francisco, USA, v. 12, n. 11, p. 1-36, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187363>. Acesso em: 3 dez. 2020.

JAMES, M. R. Music Therapy Values Clarification: A Positive Influence on Perceived Locus of Control. **Journal of Music Therapy**, Oxford, England, v. 25, n. 4, p. 206-215, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/25.4.206>. Acesso em: 3 dez. 2020.

JONES, J. D. A Comparison of Songwriting and Lyric Analysis Techniques to Evoke Emotional Change in a Single Session with People Who are Chemically Dependent. **Journal of Music Therapy**, Oxford, England,

v. 42, n. 2, p. 94-110, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/42.2.94>. Acesso em: 3 dez. 2020.

LESIUK, T. L. A Rationale for Music-Based Cognitive Rehabilitation Toward Prevention of Relapse in Drug Addiction. **Music Therapy Perspectives**, Oxford, England, v. 8, n. 2, p. 124-130, 2010. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/c501d3cd3925350698fc76570708bf7e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=43570>. Acesso em: 3 dez. 2020.

MAYS, K. L.; CLARK, D. L.; GORDON; A. J. Treating Addiction with Tunes: A Systematic Review of Music Therapy for the Treatment of Patients with Addictions. **Substance Abuse**, London, England, v. 29, n.4, p. 51-59, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08897070802418485>. Acesso em: 3 dez. 2020.

OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10** Décima revisão. Tradução: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 3 ed. São Paulo: Edusp, 1996. v. 2.

SHORT, A. D. L.; DINGLE, G. A. Music as an auditory cue for emotions and cravings in adults with substance use disorders. **Psychology of Music**, London, England, v. 44, n. 3, p. 559-573, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305735615577407>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Therapeutic Songwriting for Perceived Stigma and Perceived Social Support in Adults with Substance Use Disorder: A Cluster-Randomized Effectiveness Study. **Substance Use & Misuse**, Philadelphia, Pennsylvania, v. 55, n. 1, p. 763-771, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10826084.2019.1701037>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Music-based emotion regulation and healthy and unhealthy music use predict coping strategies in adults with substance use disorder: A cross-sectional study. **Psychology of Music**, London, England, v. 49, n. 3, p. 333-350, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305735619854529>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Songwriting to Target State Shame, Guilt, and Pride in Adults with Substance Use Disorder on a Detoxification Unit: A Cluster-Randomized Study. **Substance Use & Misuse**, Philadelphia, Pennsylvania, v. 59, n. 8, p. 1345-1354, 2019c. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10826084.2019.1580742>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Effects of group-based educational songwriting on craving in patients on a detoxification unit: A cluster randomized effectiveness study. **Psychology of Music**, London, England, v. 37, n. 2, p. 241-254, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305735617743103>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Effects of a Single Lyric Analysis Intervention on Withdrawal and Craving With Inpatients on a Detoxification Unit: A Cluster-Randomized Effectiveness Study. **Substance Use & Misuse**, Philadelphia, Pennsylvania, v. 41, n. 2, p. 241-249, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/10826084.2015.1092990>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Effects of Live and Educational Music Therapy on Working Alliance and Trust with Patients on Detoxification Unit: A Four-Group Cluster-Randomized Trial interventions. **Substance Use & Misuse**, Philadelphia, Pennsylvania, v. 51, n. 13, p. 1741- 1750, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10826084.2016.1197263>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Effects of Lyric Analysis Interventions on Treatment Motivation in Patients on a Detoxification Unit: A Randomized Effectiveness Study. **Journal of Music Therapy**, Oxford, England, v. 52, n. 1, p. 117-134, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/thu057>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. Effects of music therapy on change readiness and craving in patients on a detoxification unit. **Journal of Music Therapy**,

Oxford, England, v. 48, n. 4, p. 509-531, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/48.4.509>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J. The effect of lyric analysis on treatment eagerness and working alliance in clients who are in detoxification: A randomized clinical effectiveness study. **Music Therapy Perspectives**, Oxford, England, v. 27, n. 2, p. 115-121, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/mtp/27.2.115>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SILVERMAN, M. J.; BAKER, F. A.; MACDONALD, R. Flow and meaningfulness as predictors of therapeutic outcome within songwriting interventions. **Psychology of Music**, London, England, v. 44, n. 6, p. 1331-1345, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305735615627505>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 3 dez. 2020.

STAMOU, V. *et al.* Music-assisted systematic desensitization for the reduction of craving in response to drug-conditioned cues: a pilot study. **The Arts in Psychotherapy**, Oxford, England, v. 51, n. 1, p. 36-45, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aip.2016.08.003>. Acesso em: 3 dez. 2020.

TAETS, G. G. de C.; JOMAR, R. T.; ABREU, A. M. M.; CAPELLA, M. A. M. Efeito da Musicoterapia sobre o estresse de dependentes químicos: estudo quase-experimental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 27, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/xj4YrPgqCvN6m4S3pN3dVYG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ZMITROWICZ, J.; MOURA, R. Instrumentos de avaliação em musicoterapia: uma revisão. **Revista Brasileira de Musicoterapia**,

Rio de Janeiro, a. XX, n. 24, p. 114-135, 2018. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/46/40>. Acesso em: 3 dez. 2020.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Música. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.